VOLUME III

ANATOMIA DA RENÚNCIA

PAPÉIS DE PAULITO DAGEN ROER

ORGANIZAÇÃO E NARRATIVA DA CURADORIA

Anatomia da Renúncia

Papéis de Paulito Dagen Roer

ORGANIZAÇÃO E NARRATIVA DA CURADORA
VOLUME III

2026

SUMÁRIO

Nota da Curadora:
O Peso do que Sobrou

- ***Prólogo:***
  A Cicatriz na Gaveta
- ***Módulo I: As Leis do Abandono*** ..... *Págs. 7-18*
- *I. O Casaco no Cabide Alheio*
- *II. A Xícara Sem Asa*
- *III. O Bilhete Escrito a Lápis*
- *IV. A Aliança na Caixa de Veludo*
- ***Módulo II: As Coincidências Cruas*** ..... *Págs. 19-30*
- *V. O Encontro no Cruzamento Errado*
- *VI. O Livro com o Nome de Outro na Capa*
- *VII. O Número Discado por Engano*
- *VIII. O Rastro do Perfume no Elevador Vazio*
- ***Módulo III: Formulações Inquietantes sobre a Pele*** ..... *Págs. 31-44*
- *IX. O Retrato Cortado ao Meio*
- *X. A Linha de Expressão ao Redor dos Olhos*
- *XI. O Silêncio entre Dois Travesseiros*
- *XII. O Nome que Não Se Diz Mais Alto*
- ***Módulo IV: A Estética da Despedida*** ..... *Págs. 45-50*
- *XIII. A Mala Fechada Antes da Alvorada*
- *XIV. O Último Aceno pelo Vidro Traseiro*
- ***Epílogo: O que a Curadora Não Pôde Salvar*** ... *Págs. 51-52*

NOTA DA CURADORA: O PESO DO QUE SOBROU

Como curadora, meu trabalho com os papéis de Paulito Dagen Roer nesta terceira etapa foi cirúrgico. Se nos volumes anteriores organizei a matéria estática e os mapas urbanos, aqui me deparei com os escombros de uma intimidade.

Encontrei estes fragmentos em folhas soltas, algumas rasgadas nas bordas, como se Roer tivesse tentado destruir as próprias constatações antes que o tempo as fixasse em definitivo.

Minha narrativa não tenta consolar o leitor. Minha função foi ordenar a perda. Intervi nos textos para garantir que a dor de Roer não virasse espetáculo, mas permanecesse como uma estrutura óssea: limpa, seca e inevitável. O que você lerá a seguir é o inventário do que se deixa para trás para que o corpo possa continuar caminhando.
— A Curadora.

PRÓLOGO: A CICATRIZ NA GAVETA

Há um tipo de corte que não sangra para fora. Ele enrijece a pele, muda a sensibilidade do tato e altera o modo como a mão fecha. Nos cadernos de Paulito Dagen Roer, a renúncia nunca é tratada como um fracasso, mas como o fundamento de toda a forma. Uma escultura só existe porque o bloco de mármore aceitou perder seus pedaços.

Como curadora, percebo que narrar a renúncia exige uma crueza quase médica. É preciso olhar para o espaço vazio deixado por uma pessoa e descrever a poeira que se acumula ali sem nenhuma nostalgia.

O livro começa aqui, no instante exato em que a narradora puxa a gaveta emperrada de Roer e aceita que certas verdades definitivas só são ditas no avesso do afeto.

MÓDULO I: AS LEIS DO ABANDONO

I. O Casaco no Cabide Alheio

Um paletó de lã cinza esquecido atrás da porta do quarto de hóspedes. Ele guarda o cheiro de um armário que já não existe e a largura de ombros de alguém que mudou de país.

Sua condição é a da permanência inútil. O tecido protege a madeira do cabide contra o mofo, exercendo uma função que nunca foi sua. Olhar para ele todas as manhãs é a formulação inquietante de que as roupas sobrevivem às relações com uma facilidade assustadora.

II. A Xícara Sem Asa

Ela continua no armário da cozinha, empurrada para o fundo, atrás dos copos novos. Perdeu a haste de louça que permitia o toque dos dedos sem o risco da queimadura.

Para Roer, guardar o objeto quebrado é uma teimosia poética. A xícara sem asa exige que o usuário a segure pelo corpo, sentindo o calor bruto do café diretamente na palma da mão. A renúncia da asa transformou o hábito da manhã em um pacto de atenção física.

II. O Bilhete Escrito a Lápis

"Volto antes do fim da chuva." O grafite está fraco, quase apagado pelo atrito do papel contra o fundo da carteira de couro onde Roer o guardou por sete anos.

A chuva passou naquela mesma tarde de outono. A pessoa voltou, mas o bilhete permaneceu guardado como uma promessa suspensa. A grafia a lápis revela a fragilidade da urgência: tudo o que é escrito com pressa corre o risco de durar mais do que o próprio motivo da escrita.

IV. A Aliança na Caixa de Veludo

O círculo de ouro não está no dedo; está deitado sobre o tecido desbotado de uma caixinha quadrada que não se abre há meses.

Fora do corpo, o metal perde o sentido jurídico e vira apenas peso. Ele não amarra mais nenhum destino; tornou-se o registro metálico de um contrato que a vida real rescindiu sem assinar o distrato. Sua verdade definitiva é o brilho fosco que não ilumina nenhuma mão.

MÓDULO II: AS COINCIDÊNCIAS CRUAS

V. O Encontro no Cruzamento Errado

Dois corpos que se esbarram na esquina da farmácia porque um deles perdeu o ônibus e o outro resolveu caminhar pelo lado esquerdo da calçada.

A Curadora nota: Roer não acreditava em destino, mas na violência cega do acaso. O encontro dura três frases educadas e um sorriso amarelo. A coincidência não une as vidas; ela apenas acentua o tamanho do desvio que cada um teve que fazer para estar exatamente ali, fingindo surpresa.

VI. O Livro com o Nome de Outro na Capa

Ao abrir o exemplar de sebos que comprou na avenida, Roer encontrou uma dedicatória na primeira página: "Para que você nunca se esqueça de mim, de seu Paulito."

A caligrafia não era sua, embora o nome fosse o mesmo. Outro Paulito havia abandonado aquele mesmo livro de poemas trinta anos antes. A coincidência é uma rasteira no ego do autor: o mundo está cheio de homônimos que sofrem pelos mesmos versos e vendem as suas memórias pelo preço de um almoço.

VII. O Número Discado por Engano

A voz do outro lado da linha atende com um cansaço idêntico ao de quem ligou. Ninguém desliga imediatamente. Há um intervalo de quatro segundos onde dois desconhecidos compartilham o mesmo chiado eletrônico.

"Desculpe, foi erro", diz Roer. "Não tem problema", responde a voz. A Curadora anota: o engano é a única fresta por onde a solidão de um homem consegue tocar a solidão de outro sem precisar se explicar.

VIII. O Rastro do Perfume no Elevador Vazio

A cabine de metal cheira a jasmim, mas não há ninguém entre o andar doze e o térreo.

O aroma é a assinatura corpórea de alguém que desceu no andar anterior. Roer respira a ausência. O perfume sem o corpo é uma formulação inquietante sobre a memória: somos capazes de reconhecer a passagem de um animal humano apenas pela química que ele espalha no ar antes de desaparecer na calçada.

MÓDULO III: FORMULAÇÕES INQUIETANTES SOBRE A PELE

IX. O Segundo Antes do Despertador

O olho abre no escuro às cinco e engenho às cinco e cinquenta e nove. O aparelho vai tocar às seis horas.

Esse minuto que falta é a maior suspensão temporal da rotina. Nesses sessenta segundos, você não pertence ao dia que começa e nem ao sono que terminou. É o intervalo puro da consciência acordada que contempla a iminência do alarme, desejando que o relógio esqueça como se avança o tempo.

X. A Linha de Expressão ao Redor dos Olhos

O espelho não mente sobre o avanço do tempo na carne de Roer. O vinco na pele do canto do olho esquerdo aprofundou-se no último inverno.

Não é uma marca de velhice; é a dobra que o rosto faz quando tenta enxergar de longe o que já passou. A Curadora observa: a pele é o diário mais fiel de Paulito. Cada renúncia que ele não confessou em prosa acabou virando um risco definitivo ao redor das suas pupilas.

XI. O Silêncio entre Dois Travesseiros

A distância de trinta centímetros que separa as duas cabeças na cama de casal à meia-noite. Ambos estão acordados, olhando para as paredes opostas.

Esse vazio de ar é mais largo do que o oceano que separa os continentes. Ninguém estica o braço para trás. O silêncio doméstico é a condição das coisas que desistiram de lutar contra a incompatibilidade dos corpos. É a paz que precede o desabamento das paredes.

XII. O Nome que Não Se Diz Mais Alto

Uma palavra de três sílabas que Roer riscou de todos os seus índices telefônicos e que a Curadora encontrou anotada na contracapa de um atlas geográfico.

Não dizer o nome é uma tentativa mecânica de apagar a existência da pessoa. Mas o nome não dito cresce por dentro, ganha a densidade de um osso na garganta e transforma qualquer conversa trabalho ou trivial em um exercício de desvio linguístico para evitar o som daquela palavra.

MÓDULO IV: A ESTÉTICA DA DESPEDIDA

XIII. A Mala Fechada Antes da Alvorada

O zíper corre no escuro do quarto às quatro da manhã. O som dos dentes de metal travando a lona é a conclusão de um processo que levou meses para se consolidar.

A mala pronta tem o peso exato da mudança. Deixa-se para trás a estante de livros, os vasos na varanda e a rotina do café morno. Roer viaja leve porque entendeu que carregar as coisas é o oposto de carregar a si mesmo. A renúncia da mobília é a primeira condição para a reconquista da marcha.

XIV. O Último Aceno pelo Vidro Traseiro

A mão esquerda ergue-se por trás do vidro empoeirado do táxi que se afasta em direção à avenida perimetral.

O gesto é rápido, quase uma desculpa pela partida. Quem fica na calçada vê a mão diminuir até sumir no reflexo do sol sobre a lataria do carro ao lado. A Curadora encerra o módulo: toda despedida é uma questão de escala visual; a dor diminui à medida que o veículo acelera e a distância transforma o corpo do outro em um ponto cinzento na paisagem urbana.

EPÍLOGO: O QUE A CURADORA NÃO PÔDE SALVAR

Terminado este terceiro volume dos papéis de Paulito Dagen Roer, sinto a obrigação de confessar à leitora o meu limite.

Havia páginas nesta pasta que se desintegraram assim que tentei passá-las para o limpo. Textos que eram apenas marcas de unhas no papel, ou frases escritas com uma pressa tão violenta que a tinta borrou a ponto de se tornar ilegível.

Minha curadoria e minha narrativa terminam onde a crueza de Roer virou puro silêncio. Salvei o osso das palavras; o resto — o sangue, o suor do abandono e o arrependimento — permaneceu retido no fundo da gaveta que agora volto a trancar.

PAPÉIS DE PAULITO DAGEN ROER

Como curadora, meu trabalho com os papéis de Paulito Dagen Roer nesta terceira etapa foi cirúrgico. Se nos volumes anteriores organizei a matéria estática e os mapas urbanos, aqui me deparei com os escombros de uma intimidade.